A Animação Sociocultural na Terceira Idade, Empreendedorismo e novos espaços de Empregabilidade

Marcelino de Sousa Lopes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Introdução

Sou do tempo do praticismo na Animação Sociocultural e, sem pretender fazer a apologia do empírico, nem pretender ousar fazer nesta quase primeira década do século XXI o elogio do *fazer pelo fazer* ou assumir a noção da participação sem compromisso, vejo-me forçado a reconhecer que a Animação Sociocultural tem de continuar a ser acção, movimento, vida, transformação e reflexão, não podendo desligar o *anima* do *animus*. Desta forma, a Animação Sociocultural e a função do Animador Sociocultural não podem ser vistas somente a partir da prática, devendo fundamentar-se também na teoria. Uma formação para a Animação Sociocultural e uma formação de Animadores Socioculturais requerem, pois, uma articulação entre teoria e prática e vice-versa que as levem a responder ao pulsar do tempo em que vivemos.

Cumprida, quase, a primeira década do século XXI importa ver, analisar, reanalisar e reflectir sobre as significativas alterações operadas a nível do emprego e o emergir da necessidade de empreender novos caminhos impostos pelo poder político, para assim se responder a um mundo carenciado ao nível da intervenção no social, cultural e educativo, hoje muito marcado por um neo-liberalismo que pretende colocar, também aqui, a figura do utilizador pagador e relegar para a passividade, delegação, representação e inércia do ser humano.

Nesta linha de pensamento, importa registar a grande mudança de paradigma entre o século XX e o século XXI. O século XX conduziu à implementação do emprego na área da Animação Sociocultural, já o século XXI tem vindo a aprofundar a necessidade de incremento do trabalho em Animação Sociocultural, ampliando âmbitos de Animação Sociocultural e perfis de Animador Sociocultural que, em conjunto com as populações, deverão superar as necessidades e carências descritas.

Por isso, importa traçar as diferenças operadas que, na minha perspectiva, merecem ser realçadas entre o século XX e os tempos de hoje.

Assim, nesta missiva introdutória, registo o nascimento da Animação Sociocultural na segunda metade do século XX, numa Europa preocupada com o seu ressurgimento, após duas guerras mundiais que a colocaram sobre escombros. Importa aqui registar, que a Animação Sociocultural constituiu a alavanca para o despertar desta Europa e

para o imprimir de dinâmicas inovadoras, ajudando progressivamente à emergência da chamada sociedade do bem-estar.

Lembramos que Portugal, à época, nada tem a ver com o bem-estar social, cultural e educativo, encontrando-se mesmo nos seus antípodas, pois a institucionalização da Animação Sociocultural apenas ocorre com o 25 de Abril de 1974.

É a partir do 25 de Abril que a Animação Sociocultural se torna geradora de emprego através dos seus múltiplos âmbitos de intervenção e, também é justo reconhecer que, mais que uma profissão a Animação Sociocultural no Portugal de Abril, se tornou uma obrigação, isto é, um imperativo da cidadania.

Fui dos primeiros Animadores Socioculturais, em Portugal, a ser profissional e citando Pablo Neruda também *Confesso que Vivi* muitos tempos num tempo em que a Animação, mais do que uma acção confinada ao profissional Animador, constituía na sua essência, um imperativo de cidadania plasmada numa participação comprometida com o desenvolvimento social, cultural e educativo onde se procurava a resolução de causas e carências, e problemas, e se mobilizavam as comunidades a serem protagonistas e autónomos.

Fui durante 20 anos profissional da Animação Sociocultural, contratado para trabalhar junto da Juventude, sendo que a entidade empregadora numa primeira fase teve o nome de Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis - FAOJ (1974-1989), numa segunda fase Instituto da Juventude (1989 -1993) e numa terceira fase Instituto Português da Juventude – IPJ (a partir de 1993).

Esta reflexão diacrónica procura trazer à colação que a fragmentação ou a estratificação etária é para mim a negação de uma Pedagogia, da vivência, da convivência e da participação, alicerçada no interagir intergeracional que deve servir de incontornável suporte a uma intervenção levada a cabo no quadro de Animação Sociocultural.

E foi talvez por isso que o FAOJ sempre norteou a sua intervenção na Animação Sociocultural dentro de uma pedagogia participativa onde estavam presentes crianças, jovens, adultos e terceira idade.

É importante referir, não só que o FAOJ como o primeiro empregador de Animadores Socioculturais, mas também, à luz da evolução, que tanto o IJ como o IPJ abandonam a empregabilidade de Animadores Socioculturais, convertendo-os em convencionais funcionários públicos.

A empregabilidade em Animação Sociocultural a partir dos anos 90 desloca-se, assim, para a periferia ou antes para o poder local e para instituições públicas e privadas que marcam a sua intervenção pelo desenvolvimento social cultural e educativo.

A partir das últimas décadas do século XX o Emprego na Animação foi conquistando espaço. Já os sinais desta primeira década do século XXI dão-nos os indicadores que o futuro da Animação e dos Animadores passa pelo Empreendedorismo. Aqui, já não há

lugar para a convencional noção de emprego com as marcas do século passado, mas para inovações laborais que necessitam de respostas da Animação Sociocultural que se liguem a um trabalho em rede e a empresas de Animação Sociocultural, que estabeleçam parcerias e protocolos à volta de serviços de Animação Sociocultural caracterizados por uma intervenção assente em diferentes perfis de Animadores Socioculturais.

1. Empreendedorismo / Empregabilidade / Animação Sociocultural na Terceira Idade: Análise da primeira década do Século XXI

As décadas finais do século XX trazem-nos para a ribalta a noção de empreendedorismo assumido como uma necessidade de mudança e em rotura com conceitos cristalizados, ritualizados e normalmente assentes em sistemas fechados, individualizados pouco activos e sobretudo nada interactivos.

É na perspectiva relacional e consequentemente na interacção e na participação de diversos actores que se reforça a noção de empreendedorismo, fruto do pulsar destes novos tempos, ou seja a de um empreendedor em Animação Sociocultural para o século XXI.

Esta evidência é sustentada pelo declínio do conceito de emprego convencional, pela emergência e procura do auto-emprego, pelo incrementar de novos conceitos muito ligados ao trabalho em rede, ao cibertrabalho e à mobilidade laboral muito em voga nesta era da globalização que leva a inovações contínuas e a permanente procura de novas oportunidades.

Oportunidades surgidas, muitas das vezes, como resposta a problemas de desertificação ou a zonas marginalização, desintegração, assimetrias, etc.

Nesta linha de pensamento, importa trazer à colação a perspectiva de Albagli e Maciel (2002,p.2) quando afirmam:

“O avanço na organização da sociedade civil e a maior pressão pelo «empoderamento» de segmentos sociais excluídos e regiões marginalizadas, projectando o empreendedorismo social e institucional, como expressão da capacidade de segmentos e organizações sociais, comunidades e instituições públicas organizarem e implementarem iniciativas pertinentes à melhoria das condições de vida locais e à abertura de oportunidades para grupos sociais menos favorecidos.”

Contudo importa questionar e interrogar de que falamos quando falamos de Empreendedorismo. Para Barreto (2002):

“Empreendedorismo é a habilidade de criar e construir algo a partir de muito pouco ou do quase nada. Fundamentalmente, o empreender é um acto criativo. É a concentração de energia no iniciar e continuar um empreendimento. É o desenvolver de uma organização em oposição a observá-la, analisá-la, ou descrevê-la. Mas é também a sensibilidade individual para perceber uma oportunidade quando outros enxergam caos, contradição e confusão. É o possuir de competências para descobrir e controlar recursos aplicando-os de forma produtiva”.

Partilhamos da ideia que ser empreendedor hoje não significa obrigatoriamente ser um empresário com grandes meios de produção. E como afirma Bhide (2002,p.65) em relação ao Empreendedor, *Não existe perfil ideal. Os empreendedores podem ser gregários ou taciturnos, analíticos ou intuitivos, cautelosos ou ousados.*

Quanto ao Empreendedor em Animação Sociocultural, não o podemos ver como taciturno pois não pode infundir vida quem se apresenta tristonho, calado. Não pode Animar quem não se encontra Animado e quem não acredita que o outro pode ser Animado. A este trabalhador social, cultural e educativo é requerido um perfil empreendedor criativo, relacional, interventivo e defensor de uma pedagogia da vivência e da convivência.

A Animação Sociocultural na Terceira Idade, nesta quase primeira década do século XXI, tem sido marcada por inúmeros equívocos a que o Animador Sociocultural não tem dado uma resposta cabal.

Esta falta de resposta é aqui entendida por uma ausência de formação técnica que o habilite a trabalhar com esta faixa etária. Por outro lado, os planos de formação de Animadores Socioculturais não têm valorizado um conjunto de técnicas e recursos de que a própria terceira idade é portadora, nomeadamente canções, histórias, lendas, jogos etc., que podem constituir um óptimo arsenal para um programa de Animação Sociocultural para a Terceira Idade.

2. O Século XXI – A Era da Terceira Idade (os problemas, os dilemas)

O Século XXI é o Tempo da Terceira Idade, um tempo que pretendíamos que fosse de valorização da Terceira Idade e não de encurralamento da Terceira Idade, contudo os sinais fornecidos nesta primeira década não nos tranquilizam. Tem existido nos mais diferentes níveis um aproveitamento da terceira idade no plano social, cultural, educativo e político. No plano social as diferentes instituições não têm servido a terceira

idade, mas, sobretudo, têm-se servido da Terceira Idade (olhemos para o exemplo do aproveitamento da Terceira Idade para rentabilizar os Hotéis em épocas baixas). No plano Cultural, os saberes, as vivências e as experiências de que os idosos são portadores são ignorados continuamente e, conseqüentemente, não são valorizadas as suas praticas culturais e, aqui, é preciso recordar que um analfabeto literário não o é no plano cultural e, por isso, mais que as universidades da Terceira Idade, valorizo as universidades da experiência. No plano Educativo, realça-se a confusão reinante nas Universidades e nas Escolas Superiores de Educação que através da proliferação de formações que se cruzam, como por exemplo: Serviço Social e Trabalho Social (pela minha parte não descortino as fronteiras entre estas duas formações) o aparecimento de cursos no campo de gerontologia, mas desfasados do quadro teórico da gerontologia social, cultural e educativa e o crescimento de Universidades Seniores que desvalorizam, como já referi, as sabedorias da vida vivida com intensidade e com sentido.

Porque as sociedades do futuro próximo requerem um novo tipo de indivíduo e de trabalhador em todos os sectores económicos, a ênfase estará na necessidade de promover e desenvolver competências múltiplas no indivíduo, no trabalho em equipa e na capacidade de aprender e de adaptar-se a situações novas.

Importa, por isso, ter presente que a formação para o empreendedorismo em Animação Sociocultural não se coaduna com um perfil técnico unívoco, mas antes com o perfil de um técnico que responda a uma intervenção cada vez mais intergeracional, onde devem coexistir crianças, jovens, adultos e terceira idade.

3. Novos Rumos para a Animação Sociocultural na Terceira Idade

Mario Viché (2007,p.34-48) elege-nos uma série de desafios que se colocam à Animação Sociocultural neste primeira década do Século XXI e refere-nos, entre outras coisas, que a Animação Sociocultural se identifica como uma metodologia de intervenção social, cultural e com uma grande potencialidade educativa ligada ao desenvolvimento comunitário e à participação cidadã.

Este Pedagogo conclui que a Animação Sociocultural é uma forma de compreender a educação permanente em sentido holístico e comunitário, realçando alguns objectivos que nos importa aqui destacar: a formação integral e permanente das pessoas e dos diferentes grupos sociais; a promoção da responsabilidade e da iniciativa junto das comunidades e, ainda, da capacidade de autogerarem processos educativos de socialização e desenvolvimento comunitário; a potenciação de inovadoras acções de convivência, cooperação e estruturação de redes sociais, do reforço das identidades individuais e colectivas, sistema de valores, formas de vida, partilhadas, etc.

Este Pedagogo, grande impulsionador da Ciberanimação e defensor de uma animação cibercultural que estructure as redes de vida colectiva. Neste contexto faz a defesa da afirmação de uma democratização do ciberespaço que defenda e garanta as liberdades individuais essenciais como: liberdade de expressão, comunicação das próprias ideias, convicções e formas de interpretar a realidade, estímulo à comunicação livre e defesa das identidades individuais e colectivas.

Já o Pedagogo Salamantino Ventosa (2008, p.35,36) apresenta o ciberespaço dentro de uma perspectiva bidireccional:

- Vertical: constituída a partir de um novo espaço de intervenção assente num novo âmbito de animação denominado por Ventosa como Ciber-Animação e Viché como Animação Cibercultural
- Horizontal: interpretado pelo facto de o ciberespaço não constituir apenas um novo tipo de animação, mas que interfere de forma transversal com a Animação Sociocultural em todos os seus níveis, já que constitui um recurso incontornável.

Outra perspectiva promissora para a Animação Sociocultural na Terceira Idade, é a conferida por um voluntariado assente na intervenção do idoso junto de infantários, escolas, bibliotecas no sentido de partilharem as suas experiências, vivências, saberes, jogos lendas, histórias...

O Idoso pode ser assim “um avô” / animador ambulante mestre, o sábio dos saberes da vida que pode, com sua acção, levar afecto e transmitir, com o seu exemplo, humanismo, sentido e, ao mesmo tempo, valorizar a sua auto-estima.

Importa realçar que um programa de Animação Sociocultural na Terceira Idade deve procurar libertar o idoso da dependência dos muitos fármacos a que está sujeito e, aqui é imperioso destacar, o carácter preventivo de uma animação terapêutica assente numa Animação Teatral onde se não vai trabalhar um texto feito, mas sim o pretexto, o contexto, fruto da memória, procurando, a partir do efeito catarse do teatro, exorcizar medos, temores, agressividades, tensões, bloqueios, etc.

Esta dimensão terapêutica tem forçosamente de estar presente na Animação Sociocultural na Terceira Idade do futuro onde a matriz será a dermatoterapia, a musicoterapia, o psicodrama, mas também o retorno às terapias naturais como: a hidroterapia, a aromaterapia, a argiloterapia, etc.

É urgente dar vida a quem vive. É preciso recusar o matar o tempo. É inadiável uma Animação Sociocultural que exorte o idoso a participar, a ser cidadão maior, mas com cidadania também maior e a continuar a ser uma pessoa que age, interage e é construtor de sonhos, crenças, utopias e protagonista do seu próprio desenvolvimento.

Quero terminar este artigo com o pensamento no meu Querido Amigo Ezequiel Ander-Egg, o Maior entre os Maiores, o Homem do século XX e do Século XXI, ou

seja, o Homem de todos os tempos, o Grande Patriarca da Animação Sociocultural, o Homem que sonha, que pensa e age e continua a acreditar que o mundo pode ser melhor que aquilo que é.

Partilho das suas interrogações e das suas inquietações, em relação aos desafios colocados à Animação e ao Animador nestes começos do século XXI, quando refere (Ander-Egg, 2008, p.20):

“Animar é dar vida; o Animador é um incitador de vida. Não se pode utilizar para animar o que não contém vida. (...) O que pode fazer um animador sociocultural que não é capaz de detectar estas linhas de evolução, que não desenvolve uma sensibilidade aberta a todas as manifestações da cultura viva? Não será estranho que, em mimitos casos, se promova o obsoleto, e em outros se obstaculize e se deprecie o que é verdadeiramente vivo e se faça a apologia de situações contraculturais.(...) Para conseguir que a cultura seja um factor de libertação, de convivência fraternal e de fortalecimento do tecido social, os animadores têm que ser dinamizadores da cultura viva, afim de fazer brotar o gérmen de um estilo cultural que procure ser resposta aos desafios e as interrogações que se apresentam nestes começos do século XXI. ”

Quadro evolutivo da Animação Sociocultural

Cronologia	Principais correntes Pedagógicas	Tipologia de Animação	Perfil de Animador	Empregabilidade	Empreender Em ASC
1900 a 1950	A Pedagogia centrada na	Difusa	Recreativo	Nula	Irrelevante

	criança				
1960 a 2000	A Pedagogia centrada na Juventude	A Origem da Animação Sociocultural e a sua evolução	Animador Sociocultural, Animador Socioeducativo, Animador Turístico, Animador Teatral...	A Assunção do Emprego em Animação Sociocultural. FAOJ, Junta Central das Casas do Povo, INATEL, Autarquias, IPSS, Centros Culturais, Parques Naturais	Aparecimento de Empresas nos finais do século XX
2001...	A Pedagogia Centrada na Terceira Idade	Ampliação dos Ambitos da ASC O Empreendedorismo em Animação Sociocultural	Animador Sociocultural, Animador Socioeducativo, Animador Turístico, Animador Teatral, Animador na Terceira idade, Animador Escolar	Autarquias, Centros Culturais, IPSS, Parques Naturais, Escolas, Lares, Museus, Bibliotecas, Centros Sociais, Hotéis, ...	O Reforçar da Empregabilidade / O Empreendedorismo ligado à inovação do futuro da Animação Sociocultural

Elaboração Propria (2009)

Bibliografia

AA.VV (2002): *Um Enfoque Empreendedor para a Educação À Distância: LED/UFSC*, Curitiba, ENEGEP.

Ander-Egg, Ezequiel (2008): *La Animación Sociocultural en los comienzos del Siglo XXI*, Buenos Aires, Editorial Lumen.

Albagli, Afonso / Maciel, Maria Lúcia (2002): *Capital Social e Empreendedorismo Local*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bhide, Amar «As perguntas que todo empreendedor deve responder». In. AA.VV. (2002): *Empreendedorismo e Estratégia*, Rio de Janeiro, Campus, p.65.

Barreto, Luis Pondé. (2002): *Educação Para o Empreendedorismo*, S. Salvador, Universidade Católica de Salvador.

Lipovetsky, Gilles. (2007): *A Felicidade Paradoxal Ensaio Sobre a Sociedade do Hiperconsumo*, Lisboa, Edições 70.

Viché, Mario. (2007): *La Animación Cibercultural La Animación Sociocultural en la Sociedad del Conocimiento*, Zaragoza, Libros Certeza.

Viché, Mario. «A Ciberanimação ». In. Pereira, José Dantas/ Vieites Manuel/ Lopes, Marcelino (ccord.). (2008) *A Animação Sociocultural e os desafios do século XXI*, Chaves, Intervenção, pp. 35-43.

Ventosa, Victor. (2008): «O Ciberespaço como um novo espaço de Animação»: Estratégias de Ciberanimação através da RIA. In. Pereira, José Dantas/ Vieites Manuel/ Lopes, Marcelino (ccord.). (2008) *A Animação Sociocultural e os desafios do século XXI*, Chaves, Intervenção, pp. 35-43.